

FICHA DE HISTÓRIA – 12º ANO

I Grupo

Fonte 1 – O acordo de paz

O acordo de paz imposto pelas grandes potências vitoriosas sobreviventes (EUA, Grã-Bretanha, França, Itália) e em geral, embora imprecisamente, conhecido como Tratado de Versalhes, era dominado por cinco considerações. A mais imediata era o colapso de tantos regimes na Europa e a emergência na Rússia de um regime bolchevique revolucionário alternativo, dedicado à subversão universal, e um íman para forças revolucionárias de toda a parte. Segundo, havia a necessidade de controlar a Alemanha, que afinal quase tinha derrotado sozinha toda a coligação aliada. Por motivos óbvios essa era, e continuou a ser, a maior preocupação da França. Terceiro, o mapa da Europa tinha de ser dividido e retraçado, tanto para enfraquecer a Alemanha como para preencher os grandes espaços vazios deixados na Europa e no Médio Oriente pela derrota e colapso simultâneos dos impérios russo, Habsburgo e otomano. (...) Na Europa o princípio básico de reordenação do mapa era criar Estados-nação étnico-linguísticos, segundo a crença de que as nações tinham o “direito à autodeterminação”. (...) A tentativa foi um desastre como ainda se pode ver na Europa dos anos 90. Os conflitos nacionais que despedaçam o continente nos anos 90 são as galinhas velhas do Tratado de Versalhes voltando mais uma vez para o choco. (...) O quarto conjunto de considerações eram as políticas internas dentro dos países vitoriosos – o que significava, na prática, Grã-Bretanha, França e EUA – e os atritos entre eles. (...) Por fim, as potências vitoriosas procuraram desesperadamente o tipo de acordo de paz que tornasse impossível outra guerra como a que acabara de devastar o mundo e cujos efeitos retardados se encontravam por toda a parte. Fracassaram da forma mais espectacular. Vinte anos depois o mundo estava de novo em guerra.

Eric Hobsbawm, *A Era dos Extremos, História Breve do séc. XX – 1914-1991*, Lisboa, Editorial Presença, 1996, pp. 40-41

Fonte 2 – A Europa antes da 1ª Guerra Mundial



Fonte 3 - Novos estados do pós-guerra



Fonte 4 – A SDN, condenada antes de nascer?

A verdade é que muitos pensadores, filósofos, deputados, senadores, políticos e franceses, estão convencidos de que algum milagre produzirá de repente a Sociedade das Nações. Eu não acredito que a Sociedade das Nações seja a conclusão óbvia da presente guerra. Uma das razões que invoco é que, se me propusessem amanhã trazer a Alemanha para esta Sociedade das Nações, eu não o consentiria.

Resposta do Primeiro Ministro Francês, Clemenceau, ao Deputado Pierre Forgeot, in *The New York Times*, 21 de Novembro de 1917

Fonte 5 - Uma outra guerra dos 30 anos?

Os manuais de história registam que a Primeira Guerra Mundial eclodiu em 1914 e terminou em 1918, e que a Segunda Guerra Mundial durou de 1939 a 1945. No entanto, seria mais razoável considerar as duas como uma única e contínua “guerra de 30 anos” entre os Estados Unidos e a Alemanha, com tréguas e conflitos locais espalhados entre elas.

Immanuel Wallerstein, *O declínio do império americano*, in <http://resistir.info>

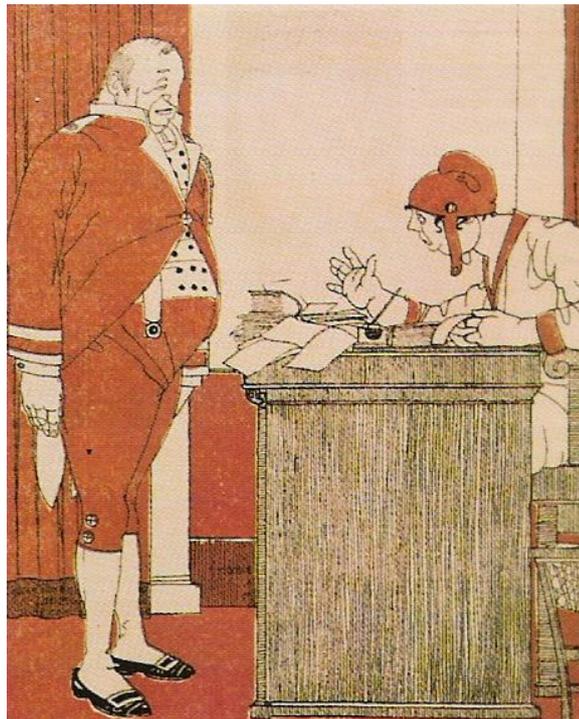
1. Considera que se verificou um novo equilíbrio global após a Primeira Guerra Mundial? Justifique com base nas fontes 1 a 5.
2. Por que se pode afirmar que a Paz de Versalhes é parcialmente responsável pelo aparecimento do nazismo e pelo eclodir da Segunda Guerra Mundial?

Fontes 6 – A nova «República Velha»

Com o final das hostilidades internacionais, reunira-se em Paris, a Conferência da Paz. O prestígio de Portugal caíra muito baixo, devido (...) [ao] agravamento da instabilidade política. (...) O tratado de paz sempre nos restituiu Quionga, atribui-nos uma percentagem aceitável nas chamadas reparações (...) e reconheceu a integridade das colónias. (...) A nova «República Velha» não era a mesma de antes. Para começar, toda uma série de circunstâncias de tipo internacional e nacional, mudara consideravelmente, devido à guerra: inflação, desvalorização da moeda, problemas económicos e sociais, conflitos entre gerações estavam a moldar uma nova ordem. Comunismo e fascismo surgiam, ameaçadores para a sociedade burguesa estabelecida. Por toda a parte se registavam atentados políticos. (...) Uma das principais razões que conduziam à instabilidade política era a incapacidade dos Democráticos de obterem maiorias absolutas que lhes permitissem governar por si próprios. Tinham sempre de depender do apoio dos outros partidos (...). A duração média dos governos ia de três a seis meses: mas chegou a havê-los de um mês e até de dez dias!

António H. Oliveira Marques, *História de Portugal*, vol. II, Lisboa, Palas Editores, 1977, pp.279-281

Fonte 7 – Portugal à espera na Conferência de Paz



J. Barradas, 1919

3. Caracterize, a partir das fontes 6 e 7, o Portugal do imediato pós I Guerra. II Grupo

Fonte 8 – Testemunho pessoal

Gordon Mhoon nem uma moeda de cinco cêntimos tinha. Não se lembra de ter visto uma nota de 10 dólares antes de fazer 20 anos. Claro que ninguém tinha muito dinheiro durante a Grande Depressão. (...) Actualmente com 95 anos era na altura um adolescente vivendo perto de Round Mountain (Arkansas, EUA), quando o mercado de capitais caiu a pique em 1929, sucedendo-se meia década de recessão. (...) Esses foram os anos de pares de sapatos a 1,25 dólares, que tinham que durar um ano inteiro. Se não vivesse numa quinta nesses anos, não tem a certeza de que ele, os seus pais e quatro irmãos mais velhos, tivessem sobrevivido. Lembra-se de ver nos jornais da época fotos de filas de espera onde as pessoas esperavam horas por alguma comida grátis. A sua família sobreviveu comendo legumes do quintal e abatendo os animais que criavam. “Nunca passámos fome. Mas dinheiro, não tínhamos nenhum”, diz Mhoon. Tão pouco, de facto, que a família acabou por perder a quinta, por não conseguir pagar uma dívida de 110 dólares ao banco. “Se uma tia minha não nos tivesse recebido em sua casa, não sei o que teria sido de nós”, recorda Mhoon. Durante a Depressão, houve um ano em que não choveu o habitual e a produção de legumes não foi como deveria ter sido. “Nesse ano não comemos muito bem”, disse Mhoon. Apesar de raramente ter dinheiro, Mhoon conseguiu juntar um dólar para pagar ao sacerdote que vivia perto. Foi em 1934 – o ano em que a Depressão estava a findar – que ele e a sua futura mulher, com quem viveria 50 anos, lutaram contra a neve para se casarem. “Éramos tão pobres como Job”, disse-nos com alguma nostalgia. (...)

19/10/08, <http://nwanews.com/nwat/Living/70217/>

Fonte 9 - Venda de bens



Por 100 dólares pode comprar este carro. Preciso de dinheiro. Perdi tudo na Bolsa

Fonte 10 – A miséria



4. Com base nas fontes, descreva o impacto social da Grande Depressão.

Fonte 11 – A autoridade do Estado



A autoridade do Estado, isto é, desta comunidade nacional viva, situa-se acima de tudo. Tudo deve submeter-se a esta autoridade. E se alguém tomar posição contra esta autoridade será forçado a vergar-se, por um meio ou por outro. (...) O pensamento não vive nas massas. (...) É certo que isto pode ser duro. É medonho para o indivíduo (...). É sempre duro dizer: «é preciso que alguém comande e nisso não pode haver mais do que um. O que comanda ordena e os outros devem obedecer» (...). Não se pode, creiam-me, suplantiar a crise do nosso tempo senão com verdadeiros dirigentes e por consequência sem um Führer. Mas é preciso tirar sempre do povo, através de uma selecção natural, os homens que são feitos para dirigir. (...) É a mais bela forma de democracia que há.

Discurso de Hitler – 29 de Abril de 1937, in H. von Kotze e H. Krausnick, *O espírito do Führer*, Gutersloch, 1966

Cartaz de 1938

Um Povo, um Império, um Chefe!

5. Rediga um comentário à forma como Hitler entende “a autoridade do Estado” (fonte 12).

Fonte 12 – A “nova ordem”



A evolução económica e social, as revoluções, os sistemas doutrinários, as deficiências, abusos e vícios do parlamentarismo, as influências desastrosas da Grande Guerra, exercidas em todos os domínios do pensamento e da acção, provocaram um pouco por toda a parte, e na Europa sobretudo, situações graves na constituição dos Estados e na vida das nações. (...) Reduzir, como se tem visto, o movimento que implantou a Ditadura a uma «conspiração de caserna» para que a classe militar viesse a usufruir o Poder é desconhecer as razões profundas do mal-estar geral (...). Todos sabem de onde vimos – de uma das maiores desorganizações que em Portugal se devem ter verificado na economia, nas finanças, na política, na administração pública. Que fazer então? Tomar resolutamente nas nossas mãos as tradições aproveitáveis do passado, as realidades do presente, os frutos da experiência própria e alheia, a antevisão do futuro, as justas aspirações dos povos, a ânsia de autoridade e disciplina que agita as gerações do nosso tempo, e construir a nova ordem de cousas que, sem

excluir aquelas verdades substanciais a todos os sistemas políticos, melhor se ajuste ao nosso temperamento e às nossas necessidades. (...) Atravessa-se, na ordem interna e na ordem internacional, uma época de verificada fraqueza do Estado; reacções justificáveis mas excessivas caminharam, aqui e além, no sentido da sua onipotência e divinização. Há que contrapor a um e outro extremo o Estado forte, mas limitado pela moral, pelos princípios dos direitos das gentes, pelas garantias e liberdades individuais, que são exigência superior da solidariedade social (...) O seu sistema educativo tem de ser dominado pelos princípios do dever moral, da liberdade civil e da fraternidade humana.

Discurso de Salazar, 30 de Julho de 1930, in A. Oliveira Salazar, *Discursos*, Coimbra, Coimbra Editora, 1935

Fonte 13 – O nacionalismo

O nacionalismo do Estado Novo não é e não poderá ser nunca uma doutrina de isolamento agressivo – ideológico ou político – porque se integra, como afinal toda a nossa história, na vida e na obra de cooperação amigável com os outros povos. Consideramo-lo tão afastado do liberalismo individualista, nascido no estrangeiro, e do internacionalismo da esquerda como de outros sistemas teóricos e práticos aparecidos lá fora como reacção contra eles.

Sessão inaugural do 1º Congresso da União Nacional, 26 de Maio de 1934, in Salazar, op. Cit., pp. 337-338

6. Segundo Salazar, que princípios devem orientar a vida nacional (fontes 12 e 13)?

Bom trabalho!